

Tirando de Letras

Um encontro de margens - o ouvido e o olho

Socorro Cardoso¹

LINGÜÍSTICA: ORALIDADE E ESCRITA

"O desafio consiste em pensar a tradição oral não mais como "resquício" de um mundo em via de desaparecimento, mas sim como um aspecto constitutivo desse mundo."
Regina Abreu in MORAES (1994).

Para HAVELOCK (1995, p. 17), atualmente, as expressões *oralidade e oralismo* têm sentido diferente, expressando conceitos que não se restringem a Homero e os gregos na sociedade ocidental. Caracterizam sociedades inteiras que se têm valido da comunicação oral, dispensando o uso da escrita.

Esse conceito toma forma à medida em que se opõe à cultura escrita, também considerada como condição social e estágio mental, com seus próprios níveis de linguagem e de conhecimento expressos por meio da grafia.

A "teoria da continuidade" afirma que a oralidade e a escrita são meios lingüísticos essencialmente equivalentes para o desempenho de funções semelhantes. Já a "teoria da grande divisão", por outro lado, afirma que a oralidade e a cultura escrita, embora de grande importância interativa, na verdade permitem que antigas funções sejam propostas, OLSON (1995, p. 13).

Não é difícil percebermos e constatarmos que o mundo ocidental atual é um mundo no qual predomina a cultura escrita, mas, em contraste, é um mundo que possui um número considerável de analfabetos. Fazendo um passeio ao túnel do tempo, com HAVELOCK (1995, p. 26-8) podemos vislumbrar melhor esta questão:

"(...) deixando de lado os incontáveis milênios em que as sociedades humanas foram exclusivamente orais, (...) dos egípcios e sumérios aos fenícios e hebreus (para não mencionar os indianos e os chineses), a escrita nas sociedades onde era praticada restringiu-se às elites clericais ou comerciais, que se davam ao trabalho de aprendê-la. As atividades ligadas à justiça, governo e vida cotidiana ainda eram comandadas pela comunicação oral, como hoje ainda acontece em grande parte do mundo islâmico e até mesmo na China".

Precisamos admitir que, mesmo que historicamente as duas modalidades tenham desempenhado um papel importante em diferentes momentos das organizações das sociedades, é relativamente estranho, apesar da proximidade mais do que casual entre o oral e o escrito, ter sido a primeira tão marginalizada, nas sociedades que adotaram a escrita.

Esse fato por si só já justificaria uma tarefa que parece ser muito importante hoje, em um primeiro momento: procurarmos entender estes desencontros e identificar o lugar de possíveis encontros, principalmente na escola, via ensino de línguas.

A escrita é filha da modernidade, mais precisamente do Iluminismo. As luzes da razão deveriam ser levadas a todas as pessoas e, por isso, se fazia necessário conhecer e dominar a escrita. Nesse sentido, a escrita faz parte tanto da história do sucesso, como da história dos problemas da humanidade e seus frutos modernos são tão ambíguos como os frutos da modernidade em si.

Uma dessas ambigüidades é, por exemplo, considerá-la como superior à oralidade; em se tratando de expressões de uma mesma língua, mais do que uma ambigüidade, é um grande equívoco. Ao valorizar somente a escrita, estamos contrapondo-as e assim individualizando-as².

Há toda uma dimensão histórica, através da qual ambas devem ser estudadas, pois as sociedades com cultura escrita nasceram dos grupos (SIC) de cultura oral. Para SCHLIEBEN-LANGE (1993, p. 57), seria melhor considerar a história da escrita e da oralidade como uma história do aproveitamento de possibilidades e de solução de problemas, que nasceram das particularidades específicas das duas modalidades, no tempo histórico.

Para LAJOLO (1996, p. 107), num país como o Brasil, há que se levar em conta a relação entre letras e classe dominante, tarefa de peso num país onde leitura e escrita jamais foram acessíveis a todos e, mais ainda,

numa sociedade periférica, onde valores estéticos e categorias literárias vêm de fora, produzidos nos mesmos centros hegemônicos de onde vêm políticas financeiras: e, dialética e curiosamente, é destes mesmos centros que vêm, agora, os pressupostos teórico-metodológicos de desconstrução do cânon, de desqualificação de valores estéticos e de categorias literárias.

Neste sentido podemos intuir que qualquer papel que os estudos lingüísticos possam vir a desempenhar é também um papel político. Afinal o falar, ouvir, ler e escrever são algumas das atividades a partir e através das quais as sociedades atribuíram e continuam atribuindo expressão simbólica. Como diz Caetano Veloso: "A Língua é minha Pátria".

Fortemente marcado pela política cultural implementada por Portugal, ao longo dos séculos XVII e XVIII, o Brasil era um país cuja cultura mantinha traços fortes de oralidade, tomada como sinônimo de subdesenvolvimento. Parece estar aqui a chave para se entender por que a oralidade é marginalizada e paralelamente a isso os estudos lingüísticos não se desenvolveram suficientemente em relação à linguagem oral.

O problema é tomar como critério para o desenvolvimento o fator ORALIDADE x ESCRITA, como se ambas fossem excludentes. Desse modo, o brasileiro, enquanto sujeito que se utiliza da língua falada no país, só é percebido como cidadão tendo como referência o seu percurso de escrita. Assim aqueles que não dominam a escrita ficam alijados da categoria de cidadão.

A partir desse critério, passar da oralidade à escrita significa(va) transpor barreiras para uma suposta ascensão social, fato indiscutível em uma sociedade letrada; a oralidade foi vista como perniciososa, como uma doença que a todo custo precisava ser erradicada. Consciente ou inconscientemente, foi-se privilegiando a escrita e a oralidade foi progressivamente desqualificada/desconsiderada.

No caso brasileiro, o resgate da oralidade pode significar um traço extremamente significativo de resgate da cultura de minorias como índios, negros e camponeses.

Por outro lado e no mesmo sentido, a oralidade resgatada pode representar um sinal da resistência com o qual a cultura de classes sociais localizadas nos grandes centros urbanos, nas excluídas e marginalizadas, minou e/ou subverteu, particularmente, a variante padrão, miscigenando a cultura dominante.

BIBLIOGRAFIA

BAYLON, Christian & FABRE, Paul. *Iniciação à Lingüística*. Coimbra: Almedina, 1979.
 BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1994.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos Estudos Lingüísticos*. São Paulo: Pontes, 1991.
 CASTRO, Maria Fausta Pereira de (Org.). *O Mercado e o Dado no Estudo da Linguagem*. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.
 CATCH, Nina (Org.). *Para uma Teoria da Língua Escrita*. São Paulo: Ática, 1996.
 DIAS, Francisco Luiz. *Os Sentidos do Idioma Nacional: as bases enunciativas do nacionalismo lingüístico no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1996.
 EPSTEIN, Isaac. *Gramática do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.
 FONSECA, M. S. V. & NEVES, M. F. (Org.). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
 GUARESCHI, Pedrinho A. *Comunicação & Poder - a presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
 GUSDORF, Georges. *A Fala*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1977.
 GUIMARÃES, Eduardo & ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Línguas e Cidadania: o português do Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1996 - (história das Idéias Lingüísticas)
 HALLIDAY, M. A. K. et al. *As Ciências Lingüísticas e o Ensino de Línguas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.
 ILLICH, Ivan. et al. *Educação e Liberdade*. São Paulo: Editora Imaginária, 1990.
 LANGE - SCHLIEBEN, Brigitte. *História do Falar e História da Lingüística*. São Paulo: Unicamp, 1993.
 MARTINS, Maria Helena (Org.). *Questões de Linguagem*. São Paulo: Contexto, 1993.
 MILANEZ, Wânia. *Pedagogia do Oral: Condições e Perspectivas para sua Aplicação no Português*. Campinas, SP: Sama, 1993.
 . *A Interação Oralidade - Escrita ao Ensino de Português*. In *Caderno de Resumos do IV Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada IEL/ UNICAMP/Campinas, SP, 1995*.
 MORAES, Marieta (Org.). *História Oral*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
 OLSON, R. David & TORRANCE, Nancy. *Cultura Escrita e Oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.
 RAFAELA, Edmilson Luiz. *A Relação Fala Escrita*. In *Caderno de Resumos do IV Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada IEL/UNICAMP/Campinas, SP, 1995*.
 ROULET, Eddy. *Teorias Lingüísticas e Ensino de Línguas*. São Paulo: Pioneira, 1978.

1. Socorro Cardoso é professora da UNAMA e UEPa.; mestranda em Lingüística
2. HAVELOCK (1995: 17,18) afirma que constitui erro polarizá-las, vendo-as como mutuamente exclusivas. A relação entre elas tem o caráter de uma tensão mútua e criativa... Essa tensão pode, por vezes, manifestar-se como tendências em favor de uma oralidade resgatada, e, em outras ocasiões e contrariamente, como tendência em favor de sua total substituição por uma sofisticada cultura escrita.